

REVISITANDO CONCEITOS DE IDENTIDADES E FRONTEIRAS NA LITERATURA CHICANA

Doutoranda Maria Lúcia Lopes de Oliveira¹
Prof.^a Dra. Liane Schneider²

O presente trabalho, de cunho teórico-crítico, busca revisar os conceitos de identidades e fronteiras, principalmente com base em estudos desenvolvidos pelas(os) estudiosas(os) Glória Anzaldúa (1987); Norma Klahn (2003); Sidonie Smith e Julia Watson (2010) e Stuart Hall (2004). No contexto brasileiro, nos voltaremos para publicações de Leila Harris (2011), Sonia Torres (2001), Claudia de Lima Costa (2005), entre outras. Diante desses marcos teóricos, nos propomos, então, colaborar com a produção dos estudos hispano-americanos a partir dessa revisão conceitual.

Palavras Chave: identidades, fronteiras, chicanas, literatura, migrantes.

1 Introdução

O presente trabalho, busca revisar os conceitos de identidades e fronteiras, principalmente com base em estudos desenvolvidos pelas(os) estudiosas(os) Glória Anzaldúa (1987), Norma Klahn (2003), Sidonie Smith e Julia Watson (2010) e Stuart Hall (2003) e, no contexto brasileiro, nos voltaremos para publicações de Leila Harris (2011) e Sonia Torres (2001), entre outros. Nosso interesse é motivado pela necessidade de conhecer o que vem sendo produzido acerca dos conceitos acima citados, especialmente no que se refere à área dos estudos sobre a literatura chicana.

Tendo em mente o corpus selecionado para nossa pesquisa de doutorado, ou seja, o romance *Caramelo*, de Sandra Cisneros e *De cómo las muchachas García perdieron el acento*, de Julia Alvarez, nossa ideia é desvelar como as identidades híbridas são representadas por essas autoras que também foram marcadas pela experiência da migração e transculturação no contexto norte-americano. Diante do fluxo contínuo das populações, principalmente de grupos que migram ou migraram para os Estados Unidos por situações diversas (políticas, econômicas e sociais) há uma reconhecível necessidade de que obras voltadas às mobilidades ocasionadas pelo “fenômeno da globalização” e seus reflexos na literatura sejam mais profundamente estudados.

As noções de identidades e fronteiras vêm sendo recentemente bastante debatidas em campos teóricos como o dos estudos culturais e pós-coloniais, principalmente no que se refere a autores(as) de escritas consideradas como não-hegemônicas. Todavia, com as mudanças de paradigmas (epistemológicos, culturais, econômicos e políticos) ocasionadas na era da modernidade e/ou modernidade tardia, teorias produzidas em vários campos, principalmente no contexto anglo-americano, têm problematizado “velhas” questões, conceitos e categorias que compõem os sujeitos e suas identidades a partir da segunda metade do século XX.

¹ Maria Lúcia Lopes de Oliveira (Doutoranda), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

² Liane Schneider (Professora Doutora), Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Conforme verificamos em pesquisas no campo da literatura no contexto acadêmico brasileiro, estudos voltados às fronteiras, principalmente no que se refere à cultura e literatura chicanas³, ainda podem ser mais profundamente explorados, mesmo que em alguns centros de ensino superior tal temática já esteja sendo desenvolvida na graduação e/ou pós-graduação.

No contexto latino-americano, na década de 1980, algumas teóricas se destacaram na área da literatura chicana, ao problematizarem as noções de identidades e de fronteiras, tanto na produção de textos ficcionais como na produção de trabalhos crítico-literários. De acordo com Torres (2001, p. 13), neste período, no meio acadêmico norte-americano, escritoras dos grupos étnicos não hegemônicos, (*chicanos, nuyorican e cubano-americana*), atravessaram as fronteiras disciplinares acadêmicas articulando questões culturais e históricas numa abordagem de análise diferente da produção tradicional.

A produção literária destes grupos estava à margem da literatura norte-americana, por tratar de temas a partir de *perspectivas*, que confrontaram a cultura hegemônica que se apresentava como branca e dominante, contando a estória a partir do ponto de vista do colonizador. Os guardiões do cânone tradicional buscavam excluir os chamados grupos hispânicos⁴ e outros grupos linguísticos existentes dentro da nação ou em suas fronteiras.

A resistência à literatura chicana também se deve à tentativa dos chicanos e hispânicos residentes nos Estados Unidos de “desconstruir a noção de homogeneidade desejada pela cultura hegemônica, que não aceitava a língua espanhola e de suas variantes “impuras”, como o *spanGLISH* – ou *tex-mex* e o *caló*, tipicamente chicano”. Assim, a “expressão literária dos grupos hispânicos dentro dos EUA tornou-se uma ameaça ao cânone literário, por introduzirem elementos culturais, e, sobretudo, linguísticos à literatura norte-americana” (TORRES, 2001, p.13).

Klahn (2000) reconhece que na década de 1970, as escritoras chicanas tiveram um papel fundamental na produção de discurso contra-hegemônico, pois os textos escritos depois deste período representam uma crítica aos discursos oficiais como construções calcadas em narrativas nacionalistas, que serviam para legitimar o sistema vigente. Contrapondo-se a esses discursos, as escritas de mulheres desarticulam, assim, as identidades nacionais, baseadas em conceitos unificadores e monolíticos.

Com a consolidação da produção cultural chicana nos anos 1980, as(os) escritoras(es) chicanas(os), em geral, embora soubessem empregar bem o espanhol (e também o inglês) “tradicional”, optaram pelo *spanGLISH*, uma vez que era usado no cotidiano dos chicanos, como propósito manter a tradição hispânica, intercalando-a com a realidade bilíngue e bicultural. A literatura chicana tem ocupado um espaço importante na produção literária de escritoras norte-americanas e, mesmo ainda de forma incipiente, em outros países da América Latina, a exemplo do Brasil. No contexto norte-americano, de acordo com a estudiosa americana Klahn (2000),

os recentes diálogos entre as escritoras chicana e escritoras mexicanas, ambas do lado da fronteira, cuja literatura, postula e constrói identidades culturais e trans/nacionais alternativas vem questionando prévios modelos patriarcais baseados na exclusão (KLAHN, 2000, p.64).

³ A terminologia “chicana” está inscrita no contexto histórico de lutas dos grupos hispânicos vivendo nos Estados Unidos na década de 1960 que reivindicavam o reconhecimento de sua identidade mexicana-americana, os direitos civis americanos, espaços para produção na academia.

⁴ Os grupos étnico “hispânicos” (mexicanos, *nuyorican*, cubanos, dominicanos) foram rotulados como tais devido a tentativa de homogeneização anglo-européia, que costuma colocar seus “outros” sob uma mesma identidade étnica, sem levar em consideração as diferenças nacionais, culturais e raciais desses povos” (TORRES, 2001).

Assim, ainda de acordo com Klahn (2000), nas duas últimas décadas do século XX, as práticas culturais das escritoras chicanas⁵, a partir de suas complexas estratégias temáticas, formais e políticas, assumiram uma persistente crítica ao patriarcado, contestando o racismo, o sexismo e a homofobia estadunidense, bem como o sexismo e homofobia do nacionalismo chicano em paralelo.

1 Revisitando as noções de identidades e fronteiras

A discussão sobre a identidade dos sujeitos migrantes chicanos vivendo nos Estados Unidos e no entrelugar fronteiriço, desde a década de 1970, tem se tornado foco de investigação para os centros acadêmicos latino-americanos com diferentes abordagens teóricas e políticas. Neste contexto diaspórico, caracterizado pelas fronteiras (geográficas, culturais, linguísticas etc.) os(as) migrantes chicanos vivem entre o lá (México) e o cá (Estados Unidos), buscando preservar suas identidades, traços culturais e históricos, entrelaçados com a memória.

As identidades de migrantes constituídas no contexto de diáspora têm sido problematizadas por estudiosos(as) dos estudos culturais e pós-coloniais. Hall (2003), em **Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior**, ao abordar a identidade cultural caribenha chama atenção para o fechamento do conceito de diáspora sustentada por uma concepção binária de diferença, que está fundamentada na ideia de uma fronteira de exclusão dependente de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora”. Contudo considera que as identidades culturais caribenhas, e, eu diria também, as identidades chicanas e mexicanas, não podem ser tratadas por “configurações sincretizadas”, ancoradas por *differance* binaristas e desarticuladas, mas como diferenças identitárias posicionadas e relacionais, sempre em deslizamentos (HALL, 2003, p. 33).

A estudiosa brasileira Harris (2011), no ensaio **A produção Literária de Escritoras Contemporâneas que migraram no Caribe para o Canadá e os Estados Unidos**, considera que as identidades “hifenizadas” estão presentes na produção literária de escritoras que migraram para os Estados ou Canadá, a exemplo da escritora dominicana Julia Alvarez, entre outras. Para a autora, a construção identitária de migrantes, escritoras caribenhas e personagens por elas criadas em seus textos ficcionais, são constituídas por identidades híbridas ou “hifenizadas” e “influenciadas por “rupturas desencadeadas pelos deslocamentos múltiplos - geográficos, culturais, linguísticos e psíquicos que vivenciam”, bem como pelas questões de gênero, etnia, classe social e outras diferenças” (HARRIS, 2011, p. 220).

Nesse sentido, também podemos afirmar que as migrantes e escritoras chicanas, a exemplo de Sandra Cisneros (seus personagens), Glória Anzaldúa, dentre outras referências, que se encontram no entrelugar trans/fronteiriço (de migrante, gênero, étnico, linguístico, social etc.) também têm suas identidades hifenizadas e em constante tensão na relação tanto com grupo étnico, como na relação com a cultura do “Outro”, no caso, americana.

A noção de identidade, vista como composta por diferenças, foi bastante ressaltada pelas feministas nas décadas anteriores, no processo de discussão sobre mulher e as relações desiguais de poder entre os sexos masculino e feminino, e tornou-se centro de debate, nos anos 1990, a partir das discussões sobre a diversidade. Nessa perspectiva, as autoras Smith e Watson (2010), em *Autobiographical Subjects*, ao abordarem a identidade como diferença afirmam que as identidades se expressam dentro e entre as coletividades e nas diferenças marcadas por interações simbólicas.

⁵ Cherrie Moraga, Gloria Anzaldúa, Lucha Corpi, Helena Maria Viramontes, Mary Helen Ponce, Lorna Dee Cervantes, Ana Castillo, Pat Mora, Margarita Cota- Cardenas, Sandra Cisneros, Erlinda Gonzalez-Berry, Norma Canto y Emma Perez.

Vistas como diferenças, essas são marcadas em termos de categorias:

Gênero, raça, etnia, sexualidade, nacionalidade, classe, geração, genealogia familiar, crenças religiosas e ideologias políticas (...). Estas são diferenças que, pelo menos por agora, têm significado nas estruturas materiais e simbólicas que organizam as sociedades humanas (SMITH; WATSON, 2010, p. 38).

Essas diferenças têm significado nas estruturas materiais e simbólicas que organizam as sociedades humanas, mas as organizações sociais e interações simbólicas estão sempre em fluxo e, por isso as identidades são provisórias. As diferentes e múltiplas identidades de gênero, cidadania nacional, trabalho, sexualidade, classe social, geração, etnia e família, atuação política, entre outras, no cotidiano e, certamente, em alguns momentos da vida, conflitantes, deslizando e estão permanentemente em negociação umas com as outras.

Neste pensamento, Harris (2001, p. 221), afirma que “as identidades de gênero, raça, etnia, classe social, sexualidade, são fatores que influenciam a construção identitária de personagens diaspóricas”, uma vez que as relações de poder no contexto diaspórico acontecem na relação de uma identidade com a outra. Harris, partindo do pressuposto de que as relações entre os sujeitos diaspóricos se configuram por relações de poder, concorda com o pensamento de Avtar Brahm (1996, p. 183), que considera que as especificidades identitárias (de gênero, classe, étnica, nacional etc), são elementos importantes para analisar as relações entre os grupos diaspóricos.

Hall em seus estudos sobre a **identidade cultural na pós-modernidade**, defende que a identidade do sujeito na modernidade tardia é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam, tornando-se uma celebração móvel” (2006, p. 2) e não mais vista sob a ótica de vários pensamentos que buscavam definir a identidade dos indivíduos como “plenamente unificada, fixa, completa segura e coerente”, o que, na sua percepção, seria uma fantasia. Neste sentido, Hall afirma que:

[...] as identidades, que compunham as paisagens sociais ‘lá fora’ e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as ‘necessidades’ objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 1998, p. 12).

Tudo isso acontece em meio a um momento de intensa globalização, com o desenvolvimento incessante das tecnologias de transporte e comunicação que cada vez mais colocam o local e o global em contato. Segundo Hall, a maior interdependência global leva a um colapso das identidades tradicionais, ligadas ao local, e produz uma diversidade cada vez maior de estilos e identidades.

Anzaldúa, em **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**, publicada em 1987, nos Estados Unidos, a partir de suas experiências pessoal, política e teórica, nos fornece elementos importantes para a compreensão das identidades nos locais fronteiriços (sexuais, culturais, sociais, linguísticos). Segundo Pratt (1993), Glória Anzaldúa, em *Borderlands*, escrevendo como filósofa chicana, lésbica, da classe trabalhadora, recusou se posicionar dentro de qualquer identidade ou comunidade específica, adotando uma perspectiva a partir da qual propõe uma agenda para toda a sociedade. Na leitura de Norma Klahn (2003, p. 127) sobre a noção de fronteiras, tomando como referência Anzaldúa, vemos que:

as fronteiras descritas por Anzaldúa literal e metaforicamente falam diretamente aos efeitos que o deslocamento de conquista e de colonização provocaram durante e antes de 1848. Mesmo se as pessoas que ficaram naquele que é agora um espaço compartilhado é através da imposição da língua colonizadora e de sua linguagem cultural que o sentido de lugar apreendido pelas pessoas descendentes mexicanas embebidas da história cultural, lendas e língua foi (e ainda continua a ser) interrompida⁶a. ⁵ (KLAHN, 2003, p. 127).

Nessa perspectiva, podemos dizer que existe uma tradição cultural criada que, através da tradução, vai se transformar em novas tradições, revelando assim os processos de transformações pessoais e sociais. Normalmente migrantes mexicanos ou de outros grupos étnicos nascidos em seus países de origem, na perspectiva de adaptação ou não, viajam para visitar seus territórios natais. Para alguns teóricos, o pertencimento à determinada cultura está intrinsecamente imbricado com a identidade.

A fronteira é um lugar privilegiado para pensar as constantes reformulações e negociações que aí acontecem, uma vez que, nesses lugares, os sujeitos têm suas identidades entrelaçadas. Assim, na perspectiva de Klahn (2003), as fronteiras, até então perfeitamente definidas, sofrem uma forte necessidade de redefinição (assumindo novas funções e papéis), pois, nesse contexto, os moradores, ao mesmo tempo em que são submetidos às várias formas de violações (estupros, agressões, assassinatos etc.), têm reagido a essas e outras opressões presentes neste contexto. Nessa perspectiva e ainda segundo Klahn a “zona de fronteira pode ser lida metaforicamente como um lugar que simboliza as relações sociais incorporadas em sua geopolítica”⁷ (2003, p. 127).

A cultura chicana se estabeleceu na fronteira entre México e Estados Unidos, como lugar específico, já estando disseminada em vários bolsões por todo o país. E a partir de uma análise da mistura de diferentes momentos histórico-culturais nessa região (a cultura indígena pré-colonização, a colonização espanhola e o domínio norte-americano), Anzaldúa propõe uma reflexão acerca dos hibridismos resultantes dessa situação e de como esse contexto favorece o surgimento de novas formas de pensar as identidades:

O que acontece a pessoas que, como eu, estão entre todas essas diferentes categorias? O que isso tem a ver com concepções de nacionalismo, raça, etnia, ou mesmo gênero? Eu estava tentando articular e criar uma teoria de existência na Fronteira (...). Eu tinha que descobrir, por conta própria, algum outro termo que pudesse descrever um nacionalismo mais poroso, aberto a outras categorias de identidade (ANZALDÚA *apud* COSTA; ÁVILA, 2005, p. 692)

Para a autora, a fronteira é uma força pulsante entre os mundos fronteiriços, entre a cultura mexicana e a cultura americana. Assim, o tema da “fronteira” ganha centralidade também nesse estudo, uma vez que esta questão está entranhada na literatura de Cisneros, bem como na de Julia Alvarez e de outras escritoras latino-americanas. As duas escritoras em tela vivenciaram a experiência de verem famílias migrarem de seus países de origem para os Estados Unidos.

⁶ Tradução nossa.

⁷ Tradução nossa.

Ao longo de suas vidas, se depararam com outras fronteiras que estão para além do espaço físico e geográfico, pois, as fronteiras, segundo Anzaldúa,

existem para definir quais são os lugares seguros e não seguros, para distinguir o nós do eles. (...) Terra de fronteira é um lugar indeterminado criado pelo resíduo emocional de uma fronteira que não é natural. É um constante estado de transição. O proibido é o que habita ali⁸ (ANZALDUA, 1987, p. 3).

De acordo com as estudiosas Klahn (2003), Anzaldúa (1987), a partir de novas categorias e da noção de linguagem híbrida, redefine a noção de fronteira, compreendendo-a não apenas como um espaço geográfico delimitado por linhas físicas, mas como lugares em que as identidades dos indivíduos são marcadas pelas diferenças sexual, racial, étnica ou de classe. Ao tecer uma crítica à tradição histórica ocidental etnocêntrica e androcêntrica, ela também desenvolve uma crítica à opressão feminina representada pelo discurso patriarcal, propondo uma análise feminista da situação em que se encontra a chicana que nasceu e vive na condição singular de habitante da fronteira.

Na perspectiva de confrontar as estruturas patriarcais tanto da sociedade mexicana quanto da americana, Anzaldúa (1987) passa a rejeitar o idioma espanhol (símbolo da imposição machista da cultura mexicana) e o idioma inglês (imposto à chicana) e propõe através do uso de uma linguagem híbrida, chicana-mexicana-tejana - o assumir de uma nova identidade *mestiza*. Para ela, colocar-se como *mestiza* significa romper com os dualismos tradicionais de feminino/masculino, homem/mulher, espanhol/inglês, mexicano/norte-americano.

Ao tomar consciência de sua identidade de *mestiza*, Anzaldúa adota estratégias que criam uma variedade de idiomas e gêneros textuais para explicar a situação peculiar na qual se encontra a chicana que, em determinadas situações sociais, se vê na obrigação de falar uma língua diferente. Assim como Anzaldúa, a noção de fronteira também é alargada por Costa (1980), que compreende a fronteira para além do espaço geográfico e físico, como podemos observar:

[...] é um poderoso tropo discursivo que tenta capturar a condição do sujeito pós-moderno: nômade, estrangeiro, deslocado, descentrado e considera que “refletir sobre a emergência dos interstícios ou desses espaços in-between, como fronteira – abrigo de novas formas de identidades híbridas e fluidas – resulta em um grande desafio, precisamente quando nos faltam metáforas para simbolizá-los (COSTA, 1980, p. 142).

Outra perspectiva conceitual que pode nos auxiliar na compreensão das identidades das personagens chicanas: nos entrelugares é apresentada por Pratt (1992) a partir do conceito de “zona de contato”. O termo “zona de contato”, compreendido pela autora como sinônimo de fronteira cultural, põe em questão como os sujeitos coloniais são constituídos nas e pelas relações entre colonizadores e colonizados, em termos de interação e trocas no interior de relações assimétricas de poder.

Pratt (1993) defende uma perspectiva do contato, deslocando a comunidade do centro para perceber como ela se movimenta por entre as linhas de diferença e de hierarquia, ou através delas, e capturar a relacionalidade do sentido não como um fenômeno estrutural, mas em dimensões sociais e históricas. O que ela defende, na verdade, é que a perspectiva do contato pode revelar como se estabelecem a dinâmica do racismo, do sexismo e do classismo,

⁸ Tradução nossa.

enquanto que a perspectiva da comunidade pode identificar as diferenças de sexo, classe e identidade nacional. Nesse sentido, as linhas de fronteiras (geográficas, culturais, ideológicas, entre outras), vistas sob a perspectiva do contato, “são trazidas para o centro da discussão, enquanto os centros homogêneos são deslocados para as margens” (PRATT, 1993, p. 15).

Bhabha (2003), ao refletir sobre o local da cultura, defende que duas nações convivendo nos mesmos espaços se fundem para formar um terceiro país, gerando uma cultura fronteiriça, o que ele denomina de “terceiro espaço”. Para o autor, o “terceiro espaço”, é compreendido, por sua vez, a partir do *locus* de enunciação – um espaço de transição entre a colonização e sua eliminação - marcado pelo hibridismo cultural, sendo este um espaço intermediário, fluido, intertextual, que possibilita uma reavaliação das diferentes culturas presentes no mesmo local, na perspectiva de que as barreiras rígidas entre “nós” e os “outros” sejam superadas. Em sua perspectiva, o “terceiro espaço” é considerado como um espaço marginal, de contato ou de tradução entre culturas, no caso, mexicana e americana - aqui representadas pelas personagens representadas pelas autoras Julia Alvarez e Sandra Cisneros - onde novas formas de ações e de interpretação se desenvolvem, acontecendo o hibridismo intercultural.

Assim, podemos dizer que as diferentes noções de identidades e fronteiras apresentadas por estes autores(as) podem ser úteis para análise do nosso *corpus* em estudo, uma vez que as autoras Julia Alvarez e Sandra Cisneros situam suas narrativas no in-between fronteiriço cultural, de gênero, étnico, linguístico etc).

Conclusão

Neste trabalho, revisitamos algumas noções de identidades e fronteiras presentes na produção literária chicana e na produção teórica de estudiosos(as) de pensadores dos estudos culturais e pós-coloniais. Mas antes, buscamos evidenciar a importância da literatura chicana na desconstrução dos discursos e narrativas que legitimavam o poder hegemônico do Estado-nação, sobre as identidades das(os) migrantes chicanas(os), vivendo no contexto de fronteiras e numa cultura híbrida. Este estudo aponta como questões e desafios seguir aprofundando a literatura chicana e dar continuidade as pesquisas e estudos sobre às mulheres migrantes chicanas, principalmente no contexto brasileiro.

Referências Bibliográficas

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: the new mestiza**. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

BRABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana L. de Lima Reis, Gláucia R. Gonçalves. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

BRAH, Avtar. **Cartographies of diaspora: contesting identities**. London: Routledge, 1996.

COSTA, Claudia de Lima. **Situando o Sujeito do Feminismo: O lugar da Teoria, as Margens e a Teoria do Lugar**. In: Travessia: revista de literatura/Universidade Federal de Santa Catarina: Curso de Pós-Graduação em Literatura- - n.1. Florianópolis: editora da UFSC, 1980.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1998

HARRIS, Assumpção, Leila. A produção literária de escritoras contemporâneas que migraram do Caribe para o Canadá e os Estados Unidos. Rio de Janeiro. **Revista Cerrados**, ano 20, n. 32, 2011. Disponível

em: <<http://www.revistacerrados.com.br/index.php/revistacerrados/article/view/229>>. Acesso em: 9 out. 2012.

KLAHN, Norma. Literary(RE) mappings: autobiographical (DIS) placements by chicana writers. In: HURTADO, Aída et al. (Orgs.). **Chicana feminis: a critical reader**. Durban; London: Duke University Press, 2003.

_____. "Travesias/travesuras: des/vinculando imaginarios culturales". **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n.2, p. 63-76, 2º semestre. Florianópolis. Brasil.

_____. AVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, v. 13, n. 3, 2005.

PRATT, Mary Louise. A crítica na zona de contato: nação e comunidade fora de foco. **Revista Travessia**, Florianópolis, n.38, jan-jun.1993.

_____. Os Olhos do Império: relatos de viagem e transculturação. Trad. Jézio Guturre. Bauru: Edusc, 1999.

SMITH Sidonie; WATSON Julia. **A Guide for interpreting life narratives. Autobiography**. University of Minesota Press. 2 nd ed. 2010.

TORRES, Sonia. **Nosotros in USA**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.